

O músico educador e o educador músico

Introdução

Em agosto de 2008, a educação no Brasil ganhou uma lei que torna obrigatório o ensino de música em toda a formação básica. Como costuma acontecer quando se ganha um bom presente numa festa de aniversário, o País tinha a oportunidade de surpreender-se com o pacote, apropriar-se do seu conteúdo, atribuir significados e planejar com cuidado a maneira de inserir esse presente em seu projeto de vida. Mas, a partir de agosto de 2011, terão se esgotado os três anos estabelecidos como prazo para as regulamentações e adequações necessárias e, para quem comemorou a sua aprovação, a lei ainda se parece mais com um pacote embrulhado na entrada da festa de aniversário, ocupando um espaço exagerado, incomodando e causando tumulto.

Por que isso acontece?

À parte as vontades políticas, este texto pretende mostrar que a presença significativa da música no currículo requer muito mais mudanças na escola do que se costuma imaginar.

Dois planejamentos

A partir da lei, o ensino de música nas escolas poderia ter dois planejamentos concomitantes. Um deles teria que tomar por base o prazo de três anos e orientar suas ações para buscar um aproveitamento máximo das potencialidades existentes, no sentido de proporcionar aos alunos – os verdadeiros donos da festa – a melhor educação musical possível. Para um planejamento com essas características, podem-se fazer levantamentos das propostas já existentes, selecionar pessoas capazes de implementar as propostas escolhidas e promover formação de curto prazo aos futuros profissionais de ensino. No início, as diferenças de formação musical ou educacional entre músicos e educadores, embora enormes, teriam que ser assumidas como necessidades de um planejamento compatível com as dimensões do país, diante das quais não se pode abrir mão de nenhuma das alternativas existentes.

Se esse planejamento de emergência fosse o único a ser implementado, a música na educação estaria certamente com os dias contados.

Um outro planejamento precisaria tomar por base um prazo mínimo de doze anos e orientar suas ações no sentido de promover a qualidade da contribuição da música na formação humana, de maneira a tornar inquestionável e insubstituível a sua presença nos projetos curriculares das escolas. Não é possível avaliar o significado dessa contribuição sem considerar inicialmente as atuais necessidades da formação humana.

Por uma outra concepção de ser humano

Cada vez mais pessoas discorrem sobre perspectivas futuras e apontam para a necessidade de formar seres humanos mais capazes de atuar em sintonia com uma percepção mais profunda de si próprios e do mundo em que vivem. Enquanto isso acontece, as organizações mundiais, diante da impossibilidade de encontrar soluções mais diretas para as contradições

Ricardo Breim

e problemas que colocam em risco o futuro da humanidade e do planeta, têm recomendado aos países o estabelecimento de metas para a educação, mostrando com isso que, na casa das perspectivas futuras, abrem-se as portas da frente para as novas possibilidades da Era do Conhecimento.

Que conhecimento?

A maioria das pessoas parece simplesmente aceitar essas metas sem maiores discussões. Pouca gente parece consciente de que a educação não poderá dar conta daquilo que dela se espera se estiver sintonizada apenas com a proclamada era do conhecimento e se mantiver incapaz de antecipar a era da sensibilidade para promover aquilo que deveria estar sempre na base de todo o desenvolvimento humano: a busca permanente de relações de equilíbrio entre o saber e o ser.

A era da sensibilidade começa quando a escola, habituada a priorizar o uso da palavra como base de uma educação que se apoia fundamentalmente no pensamento, percebe que a língua, embora indispensável quando se trata de desenvolver e refinar os esquemas da estrutura cognitiva do aluno que possibilitam a sua compreensão a respeito do mundo natural, é bastante limitada quando a questão é ajudar o aluno a desenvolver e refinar os esquemas responsáveis pelas impressões que estruturam o seu mundo interior. Dito de outra maneira, para a escola entrar na era da sensibilidade, é necessário antes reconhecer que o ensino, tanto no conjunto das disciplinas que se apoiam predominantemente na palavra quanto nas que se apoiam na constituição de uma linguagem própria, não se volta para o desenvolvimento da sensibilidade – nem do aluno, nem do professor.

A música como disciplina da sensibilidade

As linguagens artísticas têm possibilidades inquestionáveis como disciplinas da sensibilidade, mas sua atual presença na escola não permite que possam cumprir esse papel.

No caso da Música, a experiência mostra que ela oferece ao aluno possibilidades únicas de construção de esquemas quando é utilizada não como entretenimento ou outros fins, mas como linguagem; quando o ensino e a aprendizagem musical privilegiam o perceber e o perceber-se como alicerces da construção do conhecimento musical e do ser, valorizando tanto os produtos finais quanto a qualidade das experiências e processos de apreciar, compor, interpretar e improvisar.

A concepção de conhecimento em música que emerge dessa experiência ganha especial relevância quando se toma por referência uma educação comprometida com as características de formação humana apontadas acima – um compromisso que exigirá da escola não apenas uma revisão de todo o seu projeto curricular, mas também que considere cuidadosamente a construção de conhecimento a respeito do mundo natural e a própria constituição do aluno enquanto ser humano como processos simultâneos, integrados e indissociáveis.

Para aprender a música como linguagem, a percepção como processo e como experiência acumulada deve ser assumida como o centro da construção de conhecimento em música. Os elementos dessa percepção – legítimos pré-conteúdos do projeto curricular – podem dividir-se em quatro categorias: as linhas de fluxo, as configurações implícitas, as relações de simultaneidade e as relações de encadeamento. Numa canção, por exemplo, a melodia é uma linha de fluxo, a escala em que ela se baseia é uma configuração implícita, as relações que unificam harmonicamente melodia e acordes do acompanhamento são de simultaneidade e as relações que dão sentido à sucessão de frases da melodia são de encadeamento.

Os conceitos de perfil, ritmo e modo, quando expandidos e aplicados a elementos dessas quatro categorias, são alicerces nos quais a percepção se apoia para buscar sentidos em todas as dimensões do discurso musical. Do motivo inicial à forma final, perfil e ritmo são as características nas quais o perceber encontra apoio para construir a compreensão; modo é a característica na qual se apoia o perceber-se para construir a impressão; a imagem musical é a categoria memorável na qual se fundem o perceber e o perceber-se.

A percepção desses pré-conteúdos, que constitui a base da experiência musical sensível, oferece ao músico a possibilidade de foco e consciência – algo que amplia e transforma de maneira fundamental as possibilidades da experiência de manifestação meramente espontânea ou intuitiva.

O aprendizado da música é, na verdade, semelhante ao da língua materna. Por exemplo, como acontece com o aprendizado da fala, existe um aprendizado musical no simples contato com a cultura. Da mesma maneira, os aprendizados da fala e da música dependem tanto de conteúdos de linguagem quanto de conteúdos de expressão: um indivíduo pode ter uma ótima caligrafia e ser um analfabeto funcional; assim como pode mostrar uma certa habilidade no uso de um instrumento musical e, ao mesmo tempo, uma insuficiência na utilização da música como linguagem.

Apesar disso, a maioria das pessoas ainda pensa que aprender música – uma linguagem – é o mesmo que aprender a tocar um instrumento – um meio de expressão. Essa é uma das razões para a existência de um grande número de professores de música que ensinam instrumento sem se perguntarem se estão, de fato, ensinando música.

Formação de músicos educadores: uma proposta não convencional

Nesse horizonte das possibilidades de um projeto a longo prazo, a formação dos professores é a questão mais dramática e fundamental. Por isso, tendo em vista a possibilidade de a música desempenhar seu papel na formação humana como uma espécie de escola da sensibilidade, este texto se conclui com uma proposta.

As disciplinas de formação de músicos educadores podem se dividir em três módulos: linguagem, expressão e educação.

As disciplinas do módulo “linguagem” podem ser classificadas em duas unidades: percepção e apreciação. As de apreciação devem proporcionar, aos futuros professores, experiências que lhes permitam estabelecer relações entre fruição – e o perceber-se, ou lidar com impressões – a análise – o perceber, ou lidar com compreensões. As experiências de apreciação partem preferencialmente de um todo, de uma obra musical completa e vão propondo recortes. Em algum ponto, essas experiências se encontram com as de percepção, que acontecem num sentido inverso: partem de um elemento da linguagem musical específico e vão propondo experiências que devem acontecer necessariamente nos três eixos principais da produção musical: compor, improvisar e interpretar. Tanto nas disciplinas de percepção quanto nas de apreciação, a variação é o principal fator de conscientização a respeito da função de cada elemento da linguagem musical, do motivo inicial à forma final. Em ambas as unidades, linguagem e expressão estão presentes, mas, aqui, a expressão sempre se dá como atividade meio para o desenvolvimento da percepção.

As disciplinas do módulo expressão podem ser classificadas em cinco unidades: som e movimento, leitura e interpretação, ouvido e improvisação, composição e reflexão sobre música, e tecnologias. As disciplinas da unidade som e movimento e da unidade tecnologias, dão suporte às disciplinas das outras três. Nesse módulo, existe uma mudança de foco em relação ao anterior: a percepção e a apreciação se dão sempre como atividades meio para o desenvolvimento dos fazeres expressivos.

As disciplinas do módulo “educação” são classificadas em duas unidades: formação continuada e reflexão sobre música e educação. A formação continuada inclui os estágios supervisionados, as disciplinas de elaboração de planejamentos e as de supervisão de estágios. A unidade reflexão sobre música e educação contém disciplinas a partir das quais os alunos elaboram concepções de educação, de ensino e aprendizagem, de perfil do professor, de escola como projeto coletivo, de música como linguagem e de conhecimento em música.

A proposta acima, elaborada como curso técnico para alunos que já estejam pelo menos cursando o ensino médio, encontra-se hoje aplicada no curso “Formação de Músicos Educadores”, que acontece desde março de 2009 na escola Espaço Musical. O curso tem duração de seis semestres, doze disciplinas por semestre, carga horária de doze horas-aula e até cinco horas-estágio por semana.

Essa proposta pode ser utilizada pela educação musical como uma referência que é necessária a toda disciplina da educação básica: um ponto de chegada. O caráter profissionalizante da proposta atende à ideia de que, quando se toma por base aquilo que a música pode oferecer à formação humana, já não é mais possível separar o músico e o educador.